

## Apresentação

A presente apostila , faz parte do Projeto “*Mulheres em Rede, Tecendo Conhecimentos e Oportunidades*” fruto de uma parceria entre a ASPLANDE – Assessoria & Planejamento Para o Desenvolvimento em Parceria com a SPM – Secretaria Especial de Política para Mulheres. O projeto tem como finalidade contribuir para a formação política das mulheres que participam da Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras no que se refere às relações econômicas, comércio e consumo a partir da ótica de gênero e direitos humanos, bem como promover a visibilidade dos seus empreendimentos.

ASPLANDE  
Rio de Janeiro, Abril de 2009

## Índice

- Economia Solidária, a Economia da Esperança – **Pág 3**
- Caminhada da Economia Solidária no Brasil – **Pág. 8**
- Caminhada da Economia Solidária no Estado do Rio de Janeiro – **Pág. 10**
- Cooperativismo Popular, Um Instrumento á Serviço da Transformação Social – **Pág. 11**
- Passo a Passo - Como elaborar um Estatuto de Cooperativa – **Pág. 13**
- CAPÍTULO I - Denominação, Sede e Foro, Área de Atuação, Ano Social e Prazo – **Pág. 14**
- CAPÍTULO II - Dos Objetivos – **Pág. 14**
- CAPÍTULO III - Dos Associados – **Pág. 14**
- CAPÍTULO IV - Do Capital e Patrimônio – **Pág. 15**
- CAPÍTULO V - Da Assembléia Geral – **Pág. 15**
- CAPÍTULO VI -Da Administração – **Pág. 15**
- CAPÍTULO VII - Do Conselho Fiscal – **Pág. 16**
- CAPÍTULO VIII - Dos Fundos, das Sobras e dos Prejuízos – **Pág. 16**
- CAPÍTULO IX - Dos Livros – **Pág. 16**
- Como Legalizar uma Cooperativa – **Pág. 17**
- Consumo, Logo Existo – **Pág. 17**
- A Importância das Redes Sociais no Processo de fortalecimento das Cooperativas Populares – **Pág. 19**
- Finanças Solidárias: a Economia em Nossas Mãos – **Pág. 21**
- Trocas Solidárias: Uma Proposta Para repensar Nossas Práticas – **Pág. 22**

## **Economia Solidária, a Economia da Esperança<sup>1</sup>**

*Dayse Valença<sup>2</sup>  
Irene Rossetto*

Originalmente a palavra economia, de origem grega, quer dizer "a arte de bem administrar a casa". Dessa forma, falar de economia solidária é resgatar o sentido original da palavra e ampliá-lo para a arte de bem administrar a sociedade humana, o meio ambiente e o planeta.

Falar de Economia Solidária é falar de respeito à vida no planeta. Respeitar a vida pressupõe que na nossa nave mãe, o planeta terra, não pode haver passageiros de primeira, segunda, terceira ou quarta classe, porque é exatamente nessa divisão que está a gênese das guerras, da destruição do meio ambiente e da exclusão social. O grande desafio da Economia Solidária é desconstruir essa lógica perversa.

A Economia Solidária privilegia a valorização da escala humana, a satisfação e o crescimento dos indivíduos à simples busca de rendimentos econômicos. Portanto, é a economia da inclusão social, da paz entre os seres humanos. É a economia da esperança, no sentido de que é possível recriar uma nova sociedade que tenha como pilares a valorização e o respeito da diversidade humana nos seus diversos aspectos, a cultura da inclusão social e econômica e a Cultura da Paz como prática cotidiana da sociedade.

Economia que cuida do planeta, preservando a biodiversidade, o meio ambiente, única forma de tornar possível a vida na terra, promovendo a qualidade de vida no presente e deixando como legado um planeta saudável para as futuras gerações.

O movimento denominado Economia Solidária começa a se desenvolver e ter visibilidade nos anos 90, década que marca a consolidação de uma nova fase do sistema capitalista, o neoliberalismo. É nesse período também que o mundo ainda está atordoado assistindo os últimos suspiros do socialismo real.

A Economia Solidária nasce em oposição aos estragos do neoliberalismo -Exclusão, desemprego, miséria - e dá vida a um sistema de produção, distribuição e crédito alternativo ao capitalismo.

Podemos considerar a Economia Solidária como uma busca por um novo socialismo centrado na pessoa humana e não na acumulação de capital e lucro. A Economia

---

<sup>1</sup> Resumo do artigo publicado no site da ASPLANDE. [www.asplande.org.br](http://www.asplande.org.br)

<sup>2</sup> Dayse Valença é administradora com MBA em Marketing e Irene Rossetto é mestre em Economia Solidária ambas são colaboradoras da ASPLANDE

Solidária se baseia na reciprocidade, na igualdade e no respeito entre as pessoas e na organização de empreendimentos autogestionário, democrático e coletivo.

Antes de continuarmos a descrever o movimento de Economia Solidária e suas implicações práticas no processo de organização e melhoria de vida de milhões de excluídos no mundo todo, trataremos de entender um pouco as origens do neoliberalismo, essa nova fase do capitalismo que está tão presente na vida de todos nós.

### **Neoliberalismo, um instrumento a serviço da globalização econômica e da exclusão social**

O neoliberalismo é um fenômeno político e econômico que nasce no final dos anos 70, e já na década dos 90 se impõe como ideologia dominante no mundo todo. Tem como maior referência os indivíduos, prega assim o individualismo seja na esfera política econômica ou social.

Inspirando-se na teoria liberal dos séculos XVIII e XIX, e principalmente no pensamento de um dos seus maiores teóricos, Adam Smith, o neoliberalismo defende o "livre mercado" e a atuação da "mão invisível" como melhor forma de regular as atividades econômicas. O Neo Liberalismo prega a redução do papel do estado a funções "mínimas", deixando para a sociedade civil o papel de redução da desigualdade.

A visão de mundo do neoliberalismo também é reforçada pela teoria evolucionista de Darwin, que, em síntese, prega que quem sobrevive é o mais forte, aquele que se adapta melhor às mudanças do ambiente. Com isso torna natural e legítimo, a exclusão de dois terços da população mundial, porque nessa visão essas pessoas não foram competentes o suficiente para estarem incluídas nas universidades, no mercado de trabalho, nas especulações do mercado financeiro e na orgia do consumo descartável. que destrói os recursos naturais e, conseqüentemente, o meio ambiente.

### **Economia Solidária, Outro Mundo É possível**

Como já descrevemos, falar de Economia Solidária é falar de valores éticos baseados na cultura da cooperação, da solidariedade, do respeito e preservação ambiental em que mulheres e homens juntos se mobilizam e trabalham na construção de um mundo justo.

A Economia Solidária assume formas múltiplas. Encontramos empreendimentos familiares ou comunitários, formais e informais, pequenas empresas ou cooperativas populares, atividades na área rural e industrial, nos serviços, no crédito e na poupança. O mais importante é que todas elas são fundadas na equidade, na participação autogestionária e na democracia.

A Economia Solidária vem se desenvolvendo na prática através da organização de:

## **Redes**

São espaços democráticos que entrelaçam pessoas ou entidades em torno de valores e objetivos comuns. Do ponto de vista organizacional, a principal característica da rede é a inexistência de um centro de poder ou de uma hierarquia nas relações. Todos os nós da rede representam um centro de potência/poder/decisão. As informações circulam de forma dinâmica, transparente e são emitidas de vários pontos.

Essa é a essência e a beleza da organização em rede que permite o desabrochar de teias de talentos criativos, ampliando, assim, as chances de atingir suas metas e seus objetivos.

Dependo do tipo de rede, podem surgir para promover entre seus membros: intercâmbios e trocas de experiências; socialização de informações; capacitação gerencial; qualificação e aprimoramento profissional; compra de matéria prima conjunta; divulgação e venda conjunta; troca de produtos e serviços.

No Rio de Janeiro podemos citar vários tipos de redes que já estão organizadas há anos como a Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras, a Rede de Difusão do Cooperativismo Popular, a Rede de Centros de Desenvolvimento Local Solidário, o Fórum de Cooperativismo Popular ea Rede Ecológica.

## **Cooperativas Populares**

O cooperativismo popular é um movimento que conta com a participação de distintos grupos da sociedade civil organizada e se expressa através de redes, associações e cooperativas, que se reúnem em torno de uma proposta comum. São pessoas que têm como objetivo melhorar a qualidade de vida da comunidade onde vivem, preservar o meio ambiente, promover a cultura local e propor políticas públicas em benefício da comunidade, trabalhar com medicina alternativa, organizar empresas com vistas a potencializar a criatividade de seus cooperados e melhorar seus rendimentos, entre outros.

Apesar da diversidade das experiências, todas elas buscam a construção de uma sociedade justa. Esse movimento vem contribuindo de forma concreta para que as pessoas resgatem sua capacidade de trabalhar coletivamente, com confiança, respeito mútuo, determinação e solidariedade .

Nas cooperativas populares, o cooperado é o protagonista do seu trabalho, ele é um ser autônomo, que usa de forma criativa seus conhecimentos e habilidade, em prol do seu autodesenvolvimento e o da cooperativa como um todo.

Temos como exemplos de cooperativas populares aqui no Rio de Janeiro, a saber: Corte&Arte e Pão&Vida no morro do Cantagalo; a Rede de Centrais de Serviços - RCS, que reúne trabalhadores de vários bairros da cidade do Rio de Janeiro e São Gonçalo; a

Cooptias, em Santa Cruz; a AmaKaf, em Bangu; em Olinda, Pernambuco, temos há 18 anos, a pioneira experiência da Cooperativa das Lavadeiras dos Bultrins, com uma linda história de luta .

### **Consumo Crítico e Comércio Justo**

O movimento de comércio justo e consumo crítico surgiu há mais de 30 anos na Europa, com a finalidade de mobilizar a população contra o jogo comercial do ganha-perde entre os países ricos e os países pobres. Nesse jogo, os ricos sempre ganham e os pobres perdem.

As pessoas quando vão fazer compras, escolhem os produtos não só na base da relação preço-qualidade, mas começam a usar outros critérios como, respeito ao meio-ambiente, cuidado com a segurança do trabalhador, a não utilização de trabalho infantil ou trabalho escravo.

O Consumidor crítico e solidário está atento para não adquirir produtos e serviços de empresas que produzem armas. Os consumidores começam, assim, a ter uma postura crítica e responsável quando estão comprado um produto ou serviço.

Esse movimento começou a denunciar empresas que exploravam os recursos naturais dos países pobres, a mão de obra barata de mulheres e homens e o trabalho infantil. A partir de então, o conceito de comércio justo vem sendo construído com o objetivo de criar uma nova abordagem nas relações comerciais.

Nessa abordagem, as relações entre quem produz e quem consome se pautam pelos valores da justiça social, solidariedade e preservação do meio ambiente. A proposta é reverter o jogo do ganha-perde para o do ganha-ganha.

Os produtores recebem um preço melhor quando se reduzem ao máximo as etapas na cadeia de distribuição. Dependendo do tipo de parceria estabelecida entre produtores e consumidores, uma parte do valor do produto é pago antecipadamente para ajudar a financiar a produção.

Para tornar o sonho em realidade, foram sendo criadas centrais de importação e lojas em países como Holanda, França, Bélgica, Itália, Suécia e Dinamarca, com o objetivo de comercializar café, açúcar orgânico da América Latina, artesanato de povos africanos produzidos por associações e cooperativas. À medida que o movimento foi crescendo, cidadãos de outros países foram adotando a idéia, novas centrais de importação e lojas foram sendo criadas e novos produtos foram incorporados.

Como já foi mencionando, além de comercializar produtos com o selo que garante a origem ética e solidária do produto, esse movimento vem desenvolvendo ao longo de suas caminhadas ações que visam a:

- ❖ Estimular a agricultura ecológica e a preservação ambiental, através da criação de linhas de financiamento e cursos de capacitação e aprimoramento profissional, com parte das receitas arrecadadas com as vendas.
- ❖ Construir relações de longo prazo entre quem produz e quem compra. O produto com selo de comércio justo, além de satisfazer as necessidades e desejos de uso

do consumidor, garante que o mesmo tem qualidade, foi produzindo sem exploração de mão de obra e respeitando o meio ambiente.

- ❖ Difusão do produto com valor social agregado. A proposta do comércio justo tem sido um caminho concreto para superar as ações de cunho filantrópico e paternalista, que não facilita a transformação dos excluídos em incluídos. Significa dizer, que quando compro um produto com o selo de comércio justo, estou contribuindo na construção de uma sociedade justa e igualitária.
- ❖ Realização de campanhas e eventos como palestras e seminários, com o objetivo de ampliar a rede de consumidores éticos, solidários e vigilantes. Um exemplo é o da NIKE: quando foi comprovado que a NIKE estava explorando trabalhadores asiáticos, sobretudo crianças, as redes de comércio justo em nível mundial fizeram uma campanha para boicotar a empresa. A NIKE teve de se retratar perante o público e até hoje, apesar das campanhas que visam a posicionar a empresa como patrocinadora de esportes e vida saudável, levará ainda muito tempo para apagar a mancha que ficou na sua marca.

Aqui, no Brasil inúmeras são as iniciativas que visam a promover o comércio justo e o Consumo Crítico. No Rio de Janeiro por exemplo, além da organização de feiras periódicas de produtores e redes de consumidores, temos o exemplo da UNACOOOP - União das Associações e Cooperativas de Pequenos Produtores Rurais do estado do Rio de Janeiro e da Rede Ecológica.

A Unacoop, nos últimos anos, vem aprofundando o debate entre seus associados, bem como estimulando e apoiando os agricultores familiares a promover a reconversão da agricultura química para a agricultura orgânica.

### **Finanças Solidárias**

Já vimos experiências de produção, comercialização e consumo solidário, mas na Economia Solidária existem também atividades de crédito, poupança e financiamento, tal como bancos cooperativos e redes de finanças solidárias, entre outros.

É cada vez maior o número de pessoas e grupos cooperativos que querem investir seus recursos financeiros, suas poupanças em instituições financeiras solidárias. Elas não querem ver seu dinheiro a serviço dos cassinos das especulações financeiras, que só promovem o aprofundamento da exclusão social. Querem dar um sentido social ao seu dinheiro, possibilitando assim a criação de linhas de investimento que promovem o crédito para financiar a produção, novas iniciativas empreendedoras, construção de casa, todos voltados para a criação de uma sociedade justa. São pessoas que não querem investir seu dinheiro em bancos que financiam guerras ou cobram juros altíssimos para obter lucros estratosféricos. São empreendimentos que não podem pagar as taxas de juros de mercado para realizar os investimentos necessários e, então, escolhem formas alternativas e não predatórias de crédito para poupar e para receber financiamentos.

No Rio, temos a recém criada Casa da Confiança, formada por empreendimentos que fazem parte do Fórum de Cooperativismo Popular. No Ceará, temos a experiência do Banco Palmas.

Para finalizar, não podemos deixar de citar outras formas importantíssimas da prática da economia solidária, dentre elas os movimentos ambientalistas como os de preservação da Amazônia, como os seringueiros do Pará, a agroecologia, que busca resgatar os princípios da agricultura que está a serviço da vida, da biodiversidade e da preservação ambiental e não do lucro acima de tudo como querem multinacionais como a Monsanto; movimentos de difusão de softwares livres, que tem como objetivo a inclusão digital dos povos e a quebra do monopólio milionário de empresas como a Microsoft.

Vimos como na Economia Solidária existem muitas práticas, muitas experiências diferentes e interessantes e todas elas procuram construir uma nova ordem social e econômica, onde o ser humano seja valorizado; o trabalho e não o capital, seja prioritário, e as relações entre as pessoas sejam fundadas no respeito, na democracia, no diálogo, e não no exercício de um poder predatório, egoísta e destrutivo.



## Caminhada da Economia Solidária no Brasil

Josinete Pinto<sup>3</sup>

### O conceito

Resgatando na literatura brasileira, o surgimento do conceito ligado à **Economia Solidária** aparece pela primeira vez no Brasil em 1993 no livro *Economia de Solidariedade e Organização Popular*, organizado por Gadotti, onde o autor chileno Luis Razeto o concebe como: (eu cito) “uma formulação teórica de nível científico, elaborada a partir e para dar conta de conjuntos significativos de experiências econômicas -...-, que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de **solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária**, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas”. (Razeto,1993: 40).

### Breve Histórico

A apresentação a seguir mostra, brevemente, o processo de organização e articulação do movimento de Economia Solidária no Brasil, partindo do contexto e das experiências do estado do Rio de Janeiro.

- ❖ 1998 - acontece o I Encontro Latino de Cultura e Socioeconomia Solidárias em Porto Alegre/RS, com a participação do Brasil, México, Peru, Nicarágua, Bolívia, Espanha, Argentina e outros lugares.
- ❖ 2000 – é criada a Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária – RBSES em Mendes/RJ.
- ❖ 2001- janeiro – acontecem o I Fórum Social Mundial - FSM - após o término é criado o GT - Grupo de Trabalho Brasileiro de Economia Solidária. A criação deste GT é um marco na articulação da Economia Solidária no Brasil antes, durante e depois dos fóruns mundiais, cumprindo um papel fundamental na interlocução da sociedade civil com os diversos movimentos sociais co-irmãos e o Estado representado pelo poder público nos municípios e a nível nacional e internacional.

---

<sup>3</sup> Josinete Pinto é Militante da Economia Solidária e Colaboradora da ASPLANDE.

- ❖ 2002 – janeiro. – acontecem o II Fórum Social Mundial em Porto Alegre/RS – e ao mesmo tempo a I Plenária Nacional de Economia Solidária.
- ❖ 2002 – dezembro. – acontece a II Plenária Nacional de Economia Solidária em São Paulo/SP.
- ❖ 2003 – acontecem plenárias estaduais em todos os estados do Brasil e em julho a III Plenária Nacional em Brasília /DF, que culminou com a criação do FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária, principal interlocutor da sociedade civil organizada no movimento de Economia Solidária com o Estado.
- ❖ 2003 - ao mesmo tempo, o Governo Lula cria a Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES e nomeia como secretário o Professor. Paul Singer.
- ❖ 2005 – criação e instalação pelo Governo Federal do Conselho Nacional de Economia de caráter consultivo.
- ❖ 2008 - acontece a IV Plenária Nacional de Economia Solidária em Brasília/DF, que foi antecedida por Plenárias municipais/regionais e estaduais por todo o País. .
- ❖ 2005 e 2007 – é realizado o mapeamento da Economia Solidária em todos os estados brasileiros, que contribuiu para identificar um grande número de produtores/as organizados em grupos informais, cooperativas populares, associações, empreendimentos familiares, assim como as organizações de apoio e fomento, gestores públicos e movimentos sociais identificados com a proposta da Economia Solidária. A terceira etapa acontecerá em 2009.

## Caminhada da Economia Solidária no Estado do Rio de Janeiro

*Josinete Pinto<sup>4</sup>*

Em 1996 – criação do Fórum de Cooperativismo Popular - FCP/RJ em Copacabana com o objetivo de agregar os diversos atores sociais acima citados. O FCP/RJ se organiza a partir dos Grupos de Trabalho – GT.

São eles:

- ❖ **Finanças**, que em 2004 durante a Conferência Estadual de Economia Solidária, realizada no CEFET fundou a Casa da Confiança, empreendimento de finanças solidárias.
- ❖ **Comercialização**, que na caminhada agregou outro grupo se transformando em Consumo, Produção e Comercialização.
- ❖ **Marco jurídico** para discutir as questões do marco legal da Economia Solidária, a exemplo das altas taxas de impostos para os empreendimentos econômicos populares solidários.
- ❖ **Grupo Interinstitucional** para coordenar as ações do movimento e a sua articulação com o movimento em nível nacional.
- ❖ **Formação** – com o papel de articular as diversas necessidades da formação e pensar em conjunto com os demais grupos de trabalho a formação integral dos diversos atores integrantes do movimento de economia solidária.
- ❖ **Políticas públicas** – com o papel de articular e promover o debate em torno das políticas públicas de economia solidária desde os municípios, estado e federação. A articulação de diversas organizações sociais atuantes na economia solidária em conjunto com o fórum levou a construção e proposição da lei estadual que culminou com a criação do Conselho Estadual, do Fundo público e do Selo de Certificação de Economia Solidária, todos em fase de implantação.

O FCP/RJ hoje está organizado em 14 municípios do estado do RJ, e para garantir a coordenação política o Grupo interinstitucional é composto por uma Secretaria Executiva colegiada composta pelas organizações de apoio e fomento como a Casa de Acolhida Marista, a SOLTEC/UFRJ e o CEDAC, além de produtores/as participantes dos fóruns municipais.

---

<sup>4</sup> Josinete Pinto é Militante da Economia Solidária e Colaboradora da ASPLANDE.

## Cooperativismo Popular, Um Instrumento á Serviço da Transformação Social

*Dayse Valença<sup>5</sup>*

O movimento cooperativista, de forma organizada, surgiu na cidade inglesa de Rochdale, em 1844, como reação de um grupo de trabalhadores à exploração e à miséria, decorrentes do processo da Revolução Industrial . Foi a partir da experiência desses pioneiros que surgiu a primeira cooperativa formal, que logo se espalhou pela Europa, dando origem às cooperativas modernas.

Durante esse processo, o movimento contou com o apoio de filósofos humanistas, socialistas utópicos: muitos deles acreditavam que o cooperativismo poderia se tornar um sistema social, político e econômico a ser adotado pelos países.

A partir desse período, começaram a surgir diversos tipos de experiências cooperativistas, desde aquelas que reuniam grupos de trabalhadores com o objetivo de formar empresas cooperativas, até experiências como os falanstérios, comunidades formadas por grupos de famílias que moravam e trabalhavam juntas, com o objetivo de se tornarem autogestionárias e auto-sustentáveis.

### Cooperativismo Tradicional

O movimento cooperativista que nasceu como uma reação dos trabalhadores ao estado de injustiça e exploração decorrente do então emergente sistema capitalista, foi aos poucos sendo incorporado por ele. Os principais motivos que levaram a essa incorporação foram:

- ❖ A utilização do movimento por empresas ou grupos de empresários , que se utilizam do sistema, apenas com o intuito de obterem benefícios legais.
- ❖ A utilização do movimento por parte de empresas e empresários, que despedem seus funcionários e os ‘estimulam’ a criarem cooperativas de trabalho para prestarem serviços a suas empresas, ficando, assim, isentos dos encargos sociais.
- ❖ A utilização do movimento como forma de controle social e manutenção do ‘*status quo*’, por parte de governos, principalmente em países do terceiro mundo.

---

<sup>5</sup> Dayse Valença é administradora com MBA em Marketing pela FGV e Colaboradora da ASPLANDE

## Cooperativismo Popular

O cooperativismo popular é um movimento que conta com a participação de distintos grupos da sociedade civil organizada, e se expressa através de redes, associações, cooperativas, que se reúnem em torno de uma proposta comum. São pessoas que têm com objetivo melhorar a qualidade de vida da comunidade onde vivem, preservar o meio ambiente, promover a cultura local, propor políticas públicas em benefício da comunidade, trabalhar com medicina alternativa, organizar empresas com vistas a potencializar a criatividade de seus cooperados e melhorar seus rendimentos, entre outros.

Apesar da diversidade das experiências, todas elas buscam a construção de uma sociedade justa. Esse movimento vem contribuindo de forma concreta para que as pessoas resgatem sua capacidade de trabalhar coletivamente, com confiança, respeito mútuo, determinação e solidariedade.

Nas cooperativas populares, o cooperado é o protagonista do seu trabalho, ele é um ser autônomo, que usa de forma criativa seus conhecimentos e habilidade, em prol do seu autodesenvolvimento e o da cooperativa, como um todo.

Esse é um ponto crucial, pois como afirma Gaiger<sup>6</sup>

Quando se passa da condição de empregado, ou de produtor, para a condição de trabalhadores independentes associados, que precisam controlar os fatores produtivos, o entendimento deve ser outro. Nenhuma iniciativa econômica, seja autogestionária ou no modelo empresarial tradicional, consegue sobreviver sem planejar e organizar as suas atividades racionalmente, isto é, tornando-se eficazes em vista do incremento progressivo do capital já acumulado. Daí ser importante entender as leis do mercado, as normas de gerenciamento e administração, as estratégias de marketing, não para explorar os outros mas porque toda economia moderna funciona segundo um sistema de previsão, de medidas que se antecipam às circunstâncias futuras e procuram moldá-las, desde já, segundo os interesses em questão.

Outro aspecto a ser levado em conta é que o capital é considerado um instrumento necessário ao desenvolvimento empresarial, mas está subordinado ao trabalho, assim

---

<sup>6</sup> Gaiger, Luiz Inácio. Sobrevivência e utopia – Os projetos alternativos comunitários no RS. Série Cultura e Movimentos Sociais nº 10, Cedope/Unisinos, 1994.p.40

sendo, a renda e os excedentes serão distribuídos proporcionalmente, de acordo com o trabalho realizado por cada um dos cooperados, tendo sempre como meta uma remuneração que proporcione um nível de vida digno e justo.

### Quadro Comparativo

	<b>Cooperativismo Tradicional</b>	<b>Cooperativismo Popular</b>
<b>Valores</b>	Crescimento econômico/autocrático	Desenvolvimento Integral e Harmônico/Democrático
<b>Percepção do mundo</b>	Visão Fragmentada	Visão Holística
<b>Práticas</b>	Estrutura organizacional vertical/centralização do poder/produktividade e retorno das sobras a qualquer custo.	Estrutura organizacional horizontal/descentralização do poder/produktividade e retorno das sobras como consequência do trabalho autônomo e criativo.

## Passo a Passo - Como elaborar um Estatuto de Cooperativa

*Dayse Valença*<sup>7</sup>  
*Elisete Napoleão*<sup>8</sup>

Quando um grupo de pessoas decidem formar uma Cooperativa, é muito importante que todos os passos dados nesse sentido contem com a participação de todo o grupo. O Estatuto é um exemplo disso, é fundamental que todas as pessoas que irão fazer parte do quadro de cooperados participem ativamente da sua elaboração. Nessa oficina vamos procurar aprender de forma simples e descomplicada como elaborar um Estatuto.

No Brasil, existe um modelo básico que serve de orientação para elaborar Estatutos de qualquer tipo de cooperativa. Como veremos, podemos dividir o Estatuto em 10 capítulos, a partir de agora, vamos analisar o conteúdo de cada um deles.

### CAPÍTULO I - Denominação, Sede e Foro, Área de Atuação, Ano Social e Prazo

Existem vários pontos que devem conter nesse capítulo, são eles:

**Denominação** - Tipo de Cooperativa que está sendo criada (trabalho, Consumo, Produção, Serviços);

**Sede** - nome do município ou distrito;

**Foro** - Nome do Município e do Estado;

**Área de Atuação** - Nesse ponto é marcada a área do município ou estado que a cooperativa irá atuar. Essa definição é para fins de admissão de sócios;

**Prazo de duração** - Indeterminado e o ano social que vai de 1º de janeiro a 31 de dezembro de cada ano.

---

<sup>7</sup> Dayse Valença é administradora com MBA em marketing pela FGV e Colaborada da ASPLANDE

<sup>8</sup> Elisete Napoleão é advogada, Coordenadora da Corte Arte e Colaboradora da ASPLANDE

## **CAPÍTULO II - Dos Objetivos**

Nesse Capítulo serão escritos os objetivos da Cooperativa. Uma forma de facilitar a elaboração dos objetivos da Cooperativa, é que todo o grupo procure responder a seguinte pergunta: **“Quais os tipos de problemas serão solucionados com a criação da cooperativa?”**

## **CAPÍTULO III - Dos Associados**

Nesse Capítulo o grupo deverá descrever:

- ❖ Como será o procedimento para entrada de novos cooperados;
- ❖ Como será o procedimento para a saída de um cooperado;
- ❖ Quais são os direitos dos cooperados;
- ❖ Quais são os deveres do cooperados.

## **CAPÍTULO IV - Do Capital e Patrimônio**

Aqui deverá ser descrito o valor do capital social da Cooperativa, ou seja, quanto em dinheiro será preciso para que a cooperativa comece a funcionar e dividi-lo em quotas-partes. Quotas-partes, é a parte em dinheiro que cada cooperado vai dar para formar a cooperativa.

Nesse capítulo os futuros cooperados deverão descrever também de que forma serão pagas as quotas-partes.

## **CAPÍTULO V - Da Assembléia Geral**

A Assembléia é uma reunião formada por todos os cooperados e é o órgão máximo da Cooperativa. São nessas reuniões que os cooperados discutem:

- ❖ Novos investimentos;



- ❖ Prestação de Contas pelo Conselho de Administração;
- ❖ Os problemas da Cooperativa e suas soluções.

Nesse capítulo, portanto, deverão ser escrito os direitos e deveres da Assembléia, as épocas do ano que elas serão realizadas e como ela deverá ser convocada.

## **CAPÍTULO VI -Da Administração**

A Administração é feita por um Conselho Administrativo formado por cooperados eleitos pela Assembléia e nesse capítulo deverão ser escritas suas atribuições que são as seguintes:

- ❖ Realizar a parte Administrativa e Financeira da Cooperativa;
- ❖ Promover convênios e intercâmbio com outras Cooperativas e Instituições;
- ❖ Representar a Cooperativa perante a lei e a sociedade;
- ❖ Prestar contas a Assembléia dos Cooperados;
- ❖ Fazer cumprir as decisões tomadas pela Assembléia;
- ❖ Garantir o pleno funcionamento da Cooperativa;

## **CAPÍTULO VII - Do Conselho Fiscal**

Esse capítulo trata do Conselho Fiscal, que é formado por cooperados eleitos pela Assembléia, com o objetivo de fiscalizar as ações realizadas pelo Conselho de Administração.

## **CAPÍTULO VIII - Dos Fundos, das Sobras e dos Prejuízos**

Nesse capítulo serão descritos os tipos de fundos que serão formados com parte das sobras , isto é, o lucro que a Cooperativa tiver durante o ano. Aqui deverá também ser descrito as formas de cobrir os possíveis prejuízos que a Cooperativa possa ter.

## **CAPÍTULO IX - Dos Livros**

A lei que rege as Cooperativas brasileiras, exige uma serie de livros são eles:

- ❖ Matrícula dos Cooperados;
- ❖ Ata das Assembléias Gerais;
- ❖ Ata das reuniões do Conselho de Administração;
- ❖ Ata das reuniões do Conselho Fiscal;
- ❖ Presença dos Cooperados nas Assembléias;
- ❖ Todos os livros contábeis e fiscais estabelecidos por lei.

Esses documentos podem ser em forma de livro ou fichas, desde que sejam devidamente registrados.

## Como Legalizar uma Cooperativa

*Elisete Napoleão<sup>9</sup>*

Para Legalizar uma Cooperativa no Brasil, é necessário que hajam no mínimo vinte pessoas interessadas. Além desse número mínimo é preciso que a Cooperativa seja registrada em uma série de órgãos Públicos.

Infelizmente é uma caminhada lenta e aborrecida.

Agora vamos conhecer cada passo necessário para legalizar uma Cooperativa:

- ❖ Discussão, elaboração e aprovação dos Estatutos;
- ❖ Eleição do Conselho de Administração e Elaboração da Ata de Constituição;
- ❖ Abertura de vários livros de Ata, Fiscais e Contábeis e subscrição das quotas-partes;
- ❖ Registro na Junta Comercial do Estado;
- ❖ Inscrição no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas na Receita Federal - CNPJ;
- ❖ Certificado do Corpo de Bombeiros;
- ❖ Inscrição na Secretária Estadual de Fazenda – para as cooperativas que comercializam produtos - ICMS;
- ❖ Alvará de Funcionamento;
- ❖ Inscrição Municipal;
- ❖ Autenticação dos Livros de Atas, Fiscais e Contábeis.

---

<sup>9</sup> Elisete Napoleão é Advogada, Coordenadora da Corte & Arte e Colaboradora da ASPLANDE

## Consumo, Logo Existo

*Frei Betto*<sup>10</sup>

Ao visitar em agosto a admirável obra social de Carlinhos Brown, no Candeal, em Salvador, ouvi-o contar que na infância, vivida ali na pobreza, ele não conheceu a fome. Havia sempre um pouco de farinha, feijão, frutas e hortaliças. “Quem trouxe a fome foi a geladeira”, disse. O eletrodoméstico impôs à família a necessidade do supérfluo: refrigerantes, sorvetes etc.

A economia de mercado, centrada no lucro e não nos direitos da população, nos submete ao consumo de símbolos. O valor simbólico da mercadoria figura acima de sua utilidade. Assim, a fome a que se refere Carlinhos Brown é inelutavelmente insaciável.

É próprio do humano – e nisso também nos diferenciamos dos animais – manipular o alimento que ingere. A refeição exige preparo, criatividade, e a cozinha é laboratório culinário, como a mesa é missa, no sentido litúrgico.

A ingestão de alimentos por um gato ou cachorro é um atavismo desprovido de arte. Entre humanos, comer exige um mínimo de cerimônia: sentar à mesa coberta pela toalha, usar talheres, apresentar os pratos com esmero e, sobretudo, desfrutar da companhia de outros comensais. Trata-se de um ritual que possui rubricas indelévels. Parece-me desumano comer de pé ou sozinho, retirando o alimento diretamente da panela.

Marx já havia se dado conta do peso da geladeira. Nos “Manuscritos econômicos e filosóficos” (1844), ele constata que “o valor que cada um possui aos olhos do outro é o valor de seus respectivos bens. Portanto, em si o homem não tem valor para nós.” O capitalismo de tal modo desumaniza que já não somos apenas consumidores, somos também consumidos. As mercadorias que me revestem e os bens simbólicos que me cercam é que determinam meu valor social. Desprovido ou despojado deles, perco o valor, condenado ao mundo ignaro da pobreza e à cultura da exclusão.

Para o povo maori da Nova Zelândia cada coisa, e não apenas as pessoas, tem alma. Em comunidades tradicionais de África também se encontra essa interação matéria-espírito. Ora, se dizem a nós que um aborígine cultua uma árvore ou pedra, um totem ou ave, com certeza faremos um olhar de desdém. Mas quantos de nós não cultuam o próprio carro, um determinado vinho guardado na adega, uma jóia?

---

<sup>10</sup> Frei Beto é Escritor. A publicação do presente texto foi autorizada pelo autor.

Assim como um objeto se associa a seu dono nas comunidades tribais, na sociedade de consumo o mesmo ocorre sob a sofisticada égide da grife. Não se compra um vestido, compra-se um Gaultier; não se adquire um carro, e sim uma Ferrari; não se bebe um vinho, mas um Château Margaux. A roupa pode ser a mais horrorosa possível, porém se traz a assinatura de um famoso estilista a gata borralheira transforma-se em cinderela...

Somos consumidos pelas mercadorias na medida em que essa cultura neoliberal nos faz acreditar que delas emana uma energia que nos cobre como uma bendita unção, a de que pertencemos ao mundo dos eleitos, dos ricos, do poder. Pois a avassaladora indústria do consumismo imprime aos objetos uma aura, um espírito, que nos transfigura quando neles tocamos. E se somos privados desse privilégio, o sentimento de exclusão causa frustração, depressão, infelicidade.

Não importa que a pessoa seja imbecil. Revestida de objetos cobiçados, é alçada ao altar dos incensados pela inveja alheia. Ela se torna também objeto, confundida com seus apetrechos e tudo mais que carrega nela, mas não é ela: bens, cifrões, cargos, etc.

Comércio deriva de “com mercê”, com troca. Hoje as relações de consumo são desprovidas de troca e impessoais, não mais mediatizadas pelas pessoas. Outrora, a quitanda, o boteco, a mercearia, criavam vínculos entre o vendedor e o comprador, e também constituíam o espaço das relações de vizinhança, como ainda ocorre na feira.

Agora o supermercado suprime a presença humana. Lá está a gôndola abarrotada de produtos sedutoramente embalados. Ali, a frustração da falta de convívio é compensada pelo consumo supérfluo. “Nada poderia ser maior que a sedução” – diz Jean Baudrillard – “nem mesmo a ordem que a destrói.” E a sedução ganha seu supremo canal na compra pela internet. Sem sair da cadeira o consumidor faz chegar à sua casa todos os produtos que deseja.

Vou com frequência a livrarias de shoppings. Ao passar diante das lojas e contemplar os veneráveis objetos de consumo, vendedores se acercam indagando se necessito algo. “Não, obrigado. Estou apenas fazendo um passeio socrático”, respondo. Olham-me intrigados. Então explico: Sócrates era um filósofo grego que viveu séculos antes de Cristo. Também gostava de passear pelas ruas comerciais de Atenas. E, assediado por vendedores como vocês, respondia: “Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz.”

## **A Importância das Redes Sociais no Processo de fortalecimento das Cooperativas Populares**

*Dayse Valença<sup>11</sup>  
Josinete Pinto<sup>12</sup>*

### **O que são Redes Sociais?**

As Redes Sociais são espaços de articulações, intercâmbios trocas e alianças democráticas e solidárias. Elas se caracterizam também, como espaços que respeitam e valorizam a diferença e a diversidade, entendendo-as como de fundamental importância para desencadear processos criativos, participativos, em que a multiplicidade de olhares, pontos de vista, são fundamentais para o desenvolvimento da democracia e o fortalecimento da cidadania ativa.

As Redes Sociais podem ser formadas por pessoas ou instituições que se conectam em torno de objetivos comuns. Do ponto de vista organizacional, a principal característica da rede é que não existe centro de poder, nem hierarquia nas relações, todos os pontos ou nós se equivalem como ponto e como fonte.

### **Rede Social um instrumento a serviço do fortalecimento das Cooperativas Populares**

Ao se organizarem em Redes, as cooperativas populares de pequenos produtores e prestadores de serviços, criam espaços de reflexão e atuação coletiva com vistas ao fortalecimento organizacional e a superação criativa de desafios. No Rio de Janeiro, temos algumas experiências bastante ilustrativas de Redes criadas há mais de 12 anos e que estão dando certo como a Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras.

**Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras** nasceu com o objetivo de superar de forma criativa e solidária, desafios que dificilmente seriam superados isoladamente, tais como:

- ❖ Realização conjunta de cursos de gestão e aprimoramento profissional.
- ❖ Realização de feiras cooperativistas.

---

<sup>11</sup> Dayse Valença é Colaboradora da ASPLANDE

<sup>12</sup> Josinete Pinto é Militante do Movimento de Economia Solidária e Colaboradora da ASPLANDE.

- ❖ Divulgação coletiva dos produtos e serviços.
- ❖ Realização de seminários, encontros e oficinas de troca de experiências onde são abordados temas como, por exemplo, gênero, direitos humanos, respeito e valorização a diversidade humana, cidadania ativa e participação social, entre outros.

Dessa forma, a **Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras** vem contribuindo concretamente para:

- ❖ Melhorar a qualidade profissional e gerencial das cooperadas e gestoras dos empreendimentos cooperativos.
- ❖ Divulgar a produção cooperativa, aumentando a renda dos empreendimentos.
- ❖ Conscientizar o consumidor que o consumo dos produtos e serviços do trabalho coletivo e solidário contribui para a construção de uma sociedade justa e fraterna.
- ❖ Equilibrar entre os participantes a troca de produtos e serviços, no qual as regras de mercado são substituídas pela da solidariedade.
- ❖ Promover debates e reflexões cujos temas valorizam o desenvolvimento integral da pessoa.

## **Finanças Solidárias: a Economia em Nossas Mãos**

*Rita Alves*<sup>13</sup>

“ Bancos Comunitários são serviços financeiros em rede, de natureza associativa e comunitária, voltados para a geração de trabalho e renda na perspectiva de reorganização das economias locais. Tendo por base os princípios da economia solidária. Seu objetivo é promover o desenvolvimento de território de baixa renda, através do fomento a criação de redes locais de produção e consumo, baseado no apoio as iniciativas de economia solidária em seus diversos âmbitos como:

Empreendimentos socioprodutivos, de prestação serviços, de apoio a comercialização (mercadinho, lojas, feiras solidárias), organização de consumidores e produtores.

(Definição no II Encontro da Rede Brasileira de Bancos Comunitários – Abril/2007)

Os Bancos comunitários estão a serviço das populações.

No final de 2008, foram mapeados 37 bancos comunitários em todo o Brasil, sendo só no Ceará, mais de vinte. Esses bancos estão situados em territórios onde a pobreza predomina. São assentamentos, quilombolas, população indígena, periferias urbanas. Com a criação dos bancos nessas comunidades, nota-se o crescimento econômico, pois o que antes era gasto em comunidades vizinhas, passa-se a ser gasto no local.

Esses bancos têm contribuído para que vários grupos de produção consigam se sustentar.

O primeiro Banco Comunitário a ser criado foi o Banco Palmas, que fica no conjunto Palmeiras, um bairro pobre da periferia de Fortaleza (CE).

Este Banco existe desde 1998, e a idéia partiu da Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras, que fica na periferia de Fortaleza/CE.

A partir daí o desenvolvimento local do bairro cresceu muito, porque foram criados vários empreendimentos com o investimento do banco. Hoje existem mercado, farmácias, lojas de confecções, produtos de limpeza, salão de beleza, etc.

Foi criada a moeda social que é chamada “PALMA”, que é aceita em todos esses empreendimentos.

O importante é que a gestão do banco é feita pela própria comunidade, inclusive a administração dos recursos.

---

<sup>13</sup> Rita Alves graduanda em Ciências Sociais, Colaboradora da ASPLANDE e do PACS.



No Rio de Janeiro, temos a Casa da Confiança, que foi criada em 2004 através do Gt de Finanças Solidária do Fórum de Cooperativismo Popular/RJ (FCP/RJ). A CDC como é conhecida, faz empréstimos para empreendimentos da economia Solidária do Rio de Janeiro.

Há um belo trabalho dos participantes da Casa da Confiança, para se criar mutirões no bairros e municípios para se expandir essa experiência.

Além dos empreendimentos, há também pessoas que apostam nas finanças solidárias e ajudam financeiramente a CDC.

A Rede Brasileira de Bancos Comunitários tem como prioridade a criação de um marco legal. Um passo importante para isso é o projeto de Lei Complementar da deputada Federal Luiza Erundina que está em tramitação no Congresso Nacional, que estabelece a criação do segmento Nacional de Finanças Populares e Solidárias.

Sua aprovação será um avanço para a democratização do sistema financeiro brasileiro e o que é mais importante, para a inclusão financeira e bancária de mais da metade dos brasileiros que ainda não tem acesso a bancos oficiais.

Falar de Finanças solidárias é falar de outra economia. Uma economia justa, que seja possível para todos e todas, que não seja excludente e que realmente podemos acreditar que um “outro mundo é possível”.

## **Trocas Solidárias: Uma Proposta Para repensar Nossas Práticas**

*Robson Patrocínio*<sup>14</sup>

Porque e para que devemos investir nas Trocas Solidárias? O que queremos com esse projeto, com a criação das moedas sociais e as feiras de trocas? O que queremos transformar com as nossas práticas?

Essas perguntas são instigantes em se tratando da discussão sobre trocas solidárias com uso ou não de moedas sociais ou ainda quando falamos das experiências dos bancos comunitários.

O mais importante num primeiro momento é conseguirmos compreender que as trocas ou trocar simplesmente, faz parte de nossa existência enquanto seres humanos. Isso significa dizer que existimos porque estabelecemos relações de trocas o tempo todo. Nesse sentido podemos nos perguntar, para que investir numa proposta que intensifica o conceito das trocas. Um dos motivos é que as trocas que fazemos cotidianamente acabam por passar despercebidas por cada um de nós, e não nos damos conta do potencial que essa experiência de trocar traz em si. Aqui podemos dar vários exemplos em que pessoas trocam sem precisar se preocupar quantos reais terá que disponibilizar para realizar uma determinada atividade.

Gosto do exemplo dos mutirões nas comunidades, seja para bater uma laje ou ainda para limpar uma rua, para realizar festas etc. Nesses casos as pessoas colocam o que tem para oferecer em troca do que outras pessoas necessitam sem necessariamente precisar pagar em reais por isso. Antes era assim, principalmente na roça, onde as pessoas cultivavam essa maneira de fazer circular produtos, serviços e saberes, coisa que cada vez mais vai ficando esquecida diante da maneira de viver imposta pelo capitalismo que nos impõe um padrão de consumo. Não precisamos ir muito longe, nas nossas comunidades ainda é possível ver muitas experiências de trocas. Dona Maria que empresta o carrinho de mão para o Senhor João, que por sua vez, empresta a enxada, para a obra da Dona Maria ou de outros moradores. O que representa o mutirão para limpar o rio da comunidade ou para bater a laje da casa de algum morador, senão uma grande troca? Podemos imaginar quanto de recursos são implicados nessas experiências?

Portanto, pensar que se a maioria das pessoas não possuem dinheiro, que tem sua emissão controlada por um banco central, vale a aposta numa proposta que possibilita colocar nas nossas mãos a possibilidade de sobrevivermos de maneira mais digna, valorizando uma maneira de consumir que acolhe a vida como prioridade.

---

<sup>14</sup> Robson Patrocínio é graduando de Serviço Social e colaborador do PACS.

É importante dizer que a experiência das Trocas Solidárias esta inserida como uma das vertentes dentro do contexto da Socioeconomia Solidária, procurando resgatar a origem da palavra economia: gestão (do grego, *nomos*), da casa (*oicos*), ou cuidar da casa. A Socioeconomia Solidária se apresenta enquanto uma proposta de gestão, controlada e administrada pela sociedade, em função das necessidades reais de todos para viverem bem e em fartura.

Nesse sentido podemos destacar também a relação das Trocas Solidárias com a possibilidade de se repensar o consumo. Somos regidos pelo sistema capitalista que impõe um modelo de desenvolvimento que tem como base o lucro e não a vida humana. Esse sistema trabalha gerando demandas que na maioria dos casos não é para suprir necessidades reais da população e sim para alimentar ainda mais o sistema que gera a degradação da vida em todas as suas dimensões.

A meu ver, uma proposta pode ir se constituindo como transformadora/revolucionária (se é que podemos falar dessa forma), na medida em que a população vai se apropriando, e fazendo dela um instrumento capaz de repensar as suas práticas e os seus valores, propiciando assim o reconhecimento das possibilidades de promoção de suas vidas e da vida dos outros. Nesse sentido a autonomia, como ponto chave, se conquista quando as pessoas podem escolher os caminhos que desejam fazer.

Deste modo, vamos trabalhando os temas ligados a uma outra cultura socioeconômica e solidária, reconhecendo e valorizando o que as pessoas já fazem. Consideramos que os temas e recursos como as moedas sociais, as feiras ou a criação de grupos de troca, podem ser incluídos nesse processo. Na verdade, aos poucos foi possível descobrir que de fato não existe uma fórmula pronta e única, e que o desafio é descobrir de forma criativa, com as pessoas, a melhor maneira de trabalhar com as trocas. A questão que deve nos orientar é: como as trocas contribuem ou poderiam contribuir para fortalecer processos que já estão em andamento, seja nas comunidades ou nas instituições que trabalham com essa proposta.

### **Sítios Interessantes sobre Economia Solidária**

[www.asplande.org.br](http://www.asplande.org.br)

[www.cedacnet.org.br](http://www.cedacnet.org.br)

[www.pacs.org.br](http://www.pacs.org.br)

[www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br)

[www.fbes.org.br/farejador](http://www.fbes.org.br/farejador)

[www.ibase.org.br](http://www.ibase.org.br)

[www.capina.org.br](http://www.capina.org.br)

[www.fcp.org.br](http://www.fcp.org.br)

### **Sítios Interessantes sobre Gênero**

[www.presidencia.gov.br/estruturapresidencia/sepm/](http://www.presidencia.gov.br/estruturapresidencia/sepm/)

[www.cedim.rj.gov.br](http://www.cedim.rj.gov.br)

[www.redeh.org.br](http://www.redeh.org.br)

[www.coisademulher.org.br](http://www.coisademulher.org.br)

[www.soscorpo.org.br](http://www.soscorpo.org.br)

[www.cunhanfeminista.org.br](http://www.cunhanfeminista.org.br)

[www.caisdoparto.org.br](http://www.caisdoparto.org.br)

[www.cepia.org.br](http://www.cepia.org.br)

[www.camtra.org.br](http://www.camtra.org.br)

[www.sermulher.org.br](http://www.sermulher.org.br)

### **Outros Sítios**

[www.abong.org.br](http://www.abong.org.br)

[www.ashoka.org.br](http://www.ashoka.org.br)